

O CONTATO DE ALUNOS GRADUANDOS DE UM CURSO DE LETRAS COM LÍNGUAS INDÍGENAS FALADAS NA REGIÃO DE FRONTEIRA-BRASIL/COLÔMBIA/PERU: UMA TENTATIVA DE MINIMIZAR O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Maria Perpétua Socorro Freitas JAQUES
Universidade Federal do Amazonas
jaquesatn@gmail.com
Ligiane Pessoa dos Santos BONIFÁCIO
Universidade Federal do Amazonas
professoraligiane@hotmail.com

RESUMO: Este artigo é resultado de uma pesquisa acadêmica que partiu da necessidade de os alunos graduandos do curso de Letras do Instituto Natureza e Cultura- UFAM terem contato com as línguas indígenas faladas na região de fronteira: Brasil/Colômbia/Peru, conhecendo algumas palavras dessas línguas e, por meio desse contato, percebendo o quanto importante é valorizar a diversidade linguística existente nessa região. Faz parte do *corpus* deste trabalho a tradução de algumas palavras da língua portuguesa para quatro línguas indígenas faladas no Alto Solimões: Tikuna, Marubo, Mayuruna e Kokama. O instrumento de coleta foi entrevista com o uso de aparelhos eletrônicos (celular, máquina fotográfica, câmera filmadora) para gravação das falas de entrevistador e entrevistado. Os sujeitos entrevistados foram índios que fazem uso de sua língua materna no cotidiano. Cada grupo de alunos entrevistou um falante nativo e, em seguida, apresentou o resultado para toda a turma. Após essa etapa, houve a discussão, na sala de aula, acerca do preconceito linguístico que os indígenas afirmaram sofrer por parte de falantes da língua portuguesa considerados não-indígenas. A apresentação dos colegas foi seguida de abordagem explicativa acerca da estrutura e funcionamento dessas línguas, de modo que os alunos puderam compreender fatores antes nunca pensados por eles. Uma vez conhecidos e discutidos esses fenômenos, há a possibilidade de minimizar o preconceito referente a essa diversidade, ocasionado, principalmente, por falta de conhecimento sobre a sua estrutura e funcionamento.

PALAVRAS-CHAVES: Preconceito Linguístico, Diversidade Linguística, Contato Linguístico.

RESUMEN: Este artículo es resultado de una pesquisa académica que partió de la necesidad de los alumnos graduandos del curso de Letras del Instituto Natureza e Cultura - UFAM ha tenido contacto con las lenguas indígenas habladas en la región de frontera: Brasil/Colombia/Perú, conociendo algunas palabras de estas lenguas y, por lo medio de esto contacto, percibiendo o cuán importante es valorizar la diversidad lingüística existente en esa región. Faz parte del *corpus* de este trabajo, la traducción de algunas palabras de la Lengua Portuguesa para cuatro lenguas indígenas habladas ene el Alto Solimões: Tikuna, Marubo, Mayuruna y Kokama. El instrumento de la coleta fue entrevista con el uso de aparejos electrónicos (celular, máquina fotográfica, cámara filmadora) para grabación de las hablas entre entrevistador y entrevistado. Los sujetos entrevistados fueron indios que hacen uso de su lengua materna en el cotidiano. Cada grupo de alumnos entrevistó un hablante nativo y, en seguida, presentó el resultado para toda la clase. Después de esta etapa, hubo la discusión, en la clase, acerca del preconcepto lingüístico que os indígenas afirmaron sufrir por la parte de los hablantes de la lengua portuguesa. La presentación de los colegas fue seguida de La abordaje explicativa acerca de la estructura y funcionamiento de esas lenguas, de modo que

los alumnos pudieron comprender factores antes nunca pensados por ellos. Una vez conocidos y discutidos estos fenómenos, a la posibilidad de minimizar el preconceito referente a la esa diversidad, ocasionado, principalmente, por falta del conocimiento sobre su estructura y funcionamiento.

PALABRAS-CHAVES: Preconceito Lingüístico, Diversidad Lingüística, Contacto Lingüístico.

1 INTRODUÇÃO

O referido artigo tem como finalidade apresentar os resultados de uma atividade realizada com a turma do 7º período de Letras da Universidade Federal do Amazonas. O trabalho foi de pesquisar palavras distribuídas pela professora de Linguística, que consistia em fazer a tradução de algumas palavras da língua Portuguesa para a indígena Tikuna ou outra língua indígena, e, posteriormente, a transcrição fonética. Depois dessa etapa, as duplas apresentariam a toda turma os resultados de seus respectivos trabalhos.

A pesquisa envolveu aproximadamente 17 duplas de alunos, todos do 7º período de Letras do Instituto Natureza e Cultura - INC - UFAM.

O instrumento de coleta foi entrevista com o uso de aparelhos eletrônicos (celular, máquina fotográfica, câmera filmadora) para gravação das falas de entrevistador e entrevistado. Os sujeitos entrevistados foram índios cuja língua materna é uma língua indígena.

Na socialização acerca das atividades realizadas, percebeu-se em um dos comentários de um colega o receio que muitos indígenas têm quanto à pronúncia do português, porque acabam tendo dificuldade em relação aos artigos definidores de gêneros existentes na língua portuguesa e que na língua indígena não existe da mesma forma. Por não compreender esse fenômeno, muitas pessoas adotam uma atitude em relação à língua indígena que evidencia um certo preconceito linguístico.

Nos dias de hoje, parece haver cada vez mais uma forte tendência a lutar contra as mais variadas formas de preconceito. As variações linguísticas estão de acordo com realidade de cada cidadão, no que influencia sua vivência diária, com isso não podemos dizer que pessoas de determinada nacionalidade ou etnia falam errado, quando as tratamos assim, estamos exercendo certa discriminação.

Preconceito Linguístico está denominado como o julgamento depreciativo contra determinadas variedades linguísticas. Ele também está presente em outras línguas. Vale ressaltar aqui que na Língua Portuguesa tais preconceitos ainda existem por conta de fortes fatores que são as mais diversas variações linguísticas, e também pelo alicerce em que foi baseada na norma gramatical de Portugal.

Como se dá o Preconceito Linguístico? Vejamos o que diz Marcos Bagno na obra “A Língua de Eulália”:

Alguns estudos têm relevado uma triste realidade no nosso sistema educacional: os professores, administradores escolares, psicólogos educacionais tratam o aluno pobre como um “deficiente” linguístico, como se sua bagagem linguística fosse “rudimentar”, refletindo conseqüentemente uma “inferioridade” mental. Isso cria o espírito do aluno pobre, um sentimento de rejeição muito grande, levando-o a considerar-se incapaz de aprender qualquer coisa. Por outro lado cria no professor a sensação que está tentando ensinar alguma coisa a alguém que nunca terá condições de aprender. Daí resulta que o aluno fica desestimulado a aprender e o professor desestimulado a ensinar (2008, p. 29).

É lógico que as pessoas que não têm um grau de escolaridade elevada têm dificuldade de pronunciarem com mais eloquência. Isso não quer dizer que elas não sabem falar o português. Não se pode atribuir a um único local ou uma classe social menos culta a culpa de se falar mal o português, isso é outro mito. Segundo Bagno:

É preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias “diferentes”, pois não existe nenhuma ortografia em nenhuma língua do mundo que consiga reproduzir a fala com fidelidade (2002, p. 53).

A citação acima não é um mito, sobretudo, um fato. Outro mito ainda é que a Língua portuguesa falada no Brasil não é o Português correto. Esse mito é muito prejudicial à educação porque a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse de fato a língua comum de todos os mais de 160 milhões de brasileiros e, isso independe de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolaridade, enfim, tudo isso se dá por conta do mito da língua única (Portuguesa).

Nossa escola não reconhece a legitimidade das inúmeras variações existentes no português, essa falta de conhecimento acaba gerando o preconceito linguístico dentro até mesmo do ambiente escolar.

Da mesma forma que a humanidade evolui e se modifica com o passar do tempo, a língua acompanha essa evolução e varia de acordo com os diversos contatos entre os seres pertencentes à comunidade universal. Desse modo, é considerada um objeto histórico, sujeita a transformações, que se modifica no tempo e se diversifica no espaço. A língua é ainda um constituinte de um sistema linguístico compartilhado por todos os falantes da língua.

A linguagem é uma área básica de formação e vem sendo objeto de estudo da Filosofia, Psicologia, Sociologia, Antropologia, Epistemologia, História, Linguística etc. Sua natureza é transdisciplinar e, no contexto escolar, é importante que haja compreensão e uso dos sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

A linguagem oral e escrita, representada pela língua materna, ocupa o papel de viabilizar a compreensão do encontro dos discursos utilizados em diferentes esferas da vida social, por isso, cabe ao professor compreender e usar a Língua Portuguesa como língua materna, sabendo que a mesma é geradora de significação e integração da organização de mundo e da própria identidade. Para Silva (2002, p.16), “a fala expressa as idiossincrasias particulares da língua utilizadas por cada falante e que o linguista busca seu material para análise na fala”.

Será explanado a seguir um pouco sobre a parte histórica da língua marubo segundo Raquel Guimarães em “Padrões rítmicos e marcação de caso em Marubo” (Pano), que foi uma das línguas pesquisadas, traduzidas e transcritas foneticamente neste artigo, que, inclusive, a nossa dupla foi quem pesquisou.

2 A família linguística pano

A língua marubo vem da Língua Pano, que é o troco linguístico. A linguística é o ramo científico que estuda a linguagem. A família linguística Pano é constituída por vinte e oito línguas, das quais algumas já estão extintas, cujos falantes habitam as regiões de fronteira entre Brasil (doze línguas), Peru (quatorze línguas) e Bolívia (duas línguas).

No Brasil, falantes de língua da família pano se concentram nos estados do Amazonas, quatro línguas Pano são falantes: Matís, Kulina do rio Curuçá, Matsés (Mayuruna) e Marubo.

2.1 A Língua Marubo e seus Falantes

Os falantes da língua Marubo ocupam as cabeceiras dos rios Ituí e Curuçá localizados no Vale do Javari, região do Alto Solimões no extremo Oeste do estado do Amazonas, próximo a fronteira do Brasil com o Peru, nas proximidades de Estirão do Equador-Atalaia do Norte, Benjamim Constant, Eirunepé e Ipixuna.

Dos povos do Vale do Javari, os Marubos são os que têm maior tempo de contato com a sociedade envolvente cerca de um século.

Internamente, o povo Marubo se divide em várias nações relacionadas a grupos familiares. Entre elas citam-se kama'nawa (nação da onça); fʃananawa (nação do chapim (ave)); ja'wanawa (nação da arara); ni'nawa (nação da mata); vaʃi'nawa (nação do sol); ʃānu'nawa (nação azul); ʃānuna'wa (nação do enfeite/adorno) e kāna'nawa.

O meio de subsistência marubo se dá através da caça, pesca, dos frutos regionais, do plantio da macaxeira, da batata doce e da banana.

3 RESULTADOS

Para realizar a pesquisa, foi feita uma tradução de 5 (cinco) palavras da Língua Portuguesa para as indígenas. A princípio, a professora da disciplina Linguística encaminhou os discentes da turma do 7º período de Letras a uma pesquisa de campo. Isso se deu a partir da distribuição aleatória destas palavras pela professora da disciplina de Linguística, que após orientar como fazer, pediu aos seus alunos que fossem em busca da concretização da pesquisa.

Os acadêmicos foram a campo na tentativa de realizar a pesquisa, a qual se desenvolveu da seguinte forma: Os alunos foram procurar pessoas que falassem em língua Tikuna ou outra língua indígena e a língua Portuguesa como segunda língua, nas proximidades de Atalaia do Norte e Benjamim Constant (região do Alto Solimões).

Daí então, os alunos coletaram os dados e fizeram a tradução, e posteriormente a transcrição fonética de acordo com a pronúncia da língua indígena pesquisada.

O trabalho foi realizado nas línguas Tikuna, Kokama, Marubo e Mauruna, e não somente na Tikuna como foi proposto inicialmente pela professora, mas foi notório durante a explanação das duplas em sala de aula que a língua Tikuna foi a que predominou, sendo que o número de palavras traduzidas foi bem significativo.

Após a coleta de dados, as duplas produziram um trabalho escrito e entregaram o trabalho escrito à professora regente. Depois disso, as duplas apresentaram em sala de aula os resultados de seus respectivos trabalhos.

No final, houve uma discussão a respeito de quais fatores foram relevantes para cada pesquisador das duplas, levando em consideração o contato, a visão anterior e posterior à pesquisa.

A respeito da tradução das palavras, levou-se em consideração os sons emitidos dos informantes de cada língua pesquisada, e a transcrição se deu com base unicamente no alfabeto fonético internacional.

A exposição foi feita por aproximadamente 17 duplas de alunos, as quais, pela ordem das palavras atribuídas pela professora, foram à frente mostrar o resultado do material pesquisado. No quadro branco, com pincéis, cada dupla copiou as cinco palavras em português fazendo a tradução na língua indígena, e a transcrição fonética. Percebeu-se o esforço de cada dupla para pronunciar as palavras e se fazer a transcrição. Contou-se com o auxílio de colegas discentes falantes da língua Tikuna para uma melhor apresentação. Além disso, a maioria das duplas contou com a ajuda da professora regente.

Assim que a tradução era exposta no quadro, um dos alunos da dupla tentava pronunciar os sons e logo em seguida os demais que assistiam à apresentação tentavam repetir. Quando havia dúvidas, os falantes da língua Tikuna pronunciavam e todos em seguida juntos com a professora repetiam pausadamente os sons das palavras com a finalidade que

todos percebessem a emissão dos sons. Após isso, se faziam as correções caso os sons fossem diferentes da transcrição feita pela dupla e, na maioria das vezes, a dupla contava com o auxílio da professora para corrigir a transcrição.

Depois desse processo de ir a campo, coletar os dados, entregar os resultados à professora, todas as duplas explanaram em sala de aula os resultados da pesquisa. No final, houve uma discussão a respeito de quais fatores foram relevantes para cada pesquisador das duplas.

A maioria das duplas optou por fazer a tradução para a língua tikuna pelo fato de que os falantes dessa língua fazem vizinhança com os brancos do município de Benjamin Constant - AM, onde está localizado o INC (instituto Natureza e cultura), Unidade Acadêmica - UFAM. Por razão disso, se faz necessário aqui comentar um pouco sobre a língua Tikuna.

3.1 Língua tikuna

Por alguns pesquisadores, a língua tikuna é considerada isolada, sem relação com nenhuma família linguística. Como exemplo, apresentamos a seguinte citação:

O tikuna é falado por uma grande população, cuja maioria vive no Brasil, habitando de forma espalhada uma extensa área do Alto Solimões. É uma língua tonal com níveis de altura 3 – caso único da América do Sul -, sua área maior de interesse tem sido identificada como a fonologia: em termos de descrição seu sistema de tom intrincado revestiu-se, em dada época, de particular interesse para o campo lingüístico, em termos tonais tem sido considerado por falantes de outras línguas um obstáculo para a penetração e o domínio do tikuna (SOARES, 2000, p.11).

Os informantes tikunas que fizeram parte dessa pesquisa são moradores das comunidades de Filadélfia e Porto Cordeirinho, pertencentes ao município de Benjamin Constant.

Os informantes das línguas mayuruna e marubo são moradores do Vale do Javari, localizado no Município de Atalaia do Norte - AM. Tal como a informante Marubo que é universitária da UFAM e que atualmente reside no Município de Atalaia do Norte.

Já os Kokamas são indígenas peruanos que residem na região da Tríplice Fronteira (Brasil, Peru e Colômbia).

3.2 Exemplos de palavras pesquisadas

Vejamos algumas palavras pesquisadas, traduzidas em Marubo.

LÍNGUA PORTUGUESA	LÍNGUA MARUBO
Texto	uichá
Compreensão	anunca
Leitura	uichaunan
Entender	tãnei
Pensar	chinã

Vejamos também cinco palavras pesquisadas, traduzidas em Tikuna.

LÍNGUA PORTUGUESA	LÍNGUA TIKUNA
paciência	namãeã
medicina	ũ ã
enchente	baiãne
dia	nhu'neũ

noite

cheta

Depois desse processo de ir a campo, coletar os dados, entregar os resultados à professora, todas as duplas explanaram em sala de aula os resultados da pesquisa. No final, houve uma discussão a respeito de quais fatores foram relevantes para cada pesquisador sobre as línguas pesquisadas.

Citaremos dessa discussão falas de alguns colegas que se pronunciaram sobre as línguas existentes no Alto Solimões, principalmente sobre as indígenas. Notemos:

[...] *“Ao pronunciar a língua, as pessoas riem porque soa como um som estranho”.*

[...] *“Acho legal, me intimido quando eles falam em segredo porque não entendo o que eles estão dizendo”.*

[...] *“Vi que a escrita da língua Tikuna é diferente da fala, além disso, tem acentos ortográficos diferentes dos da língua portuguesa”.*

[...] *“As pessoas da região não se esforçam para aprender a língua Tikuna, enquanto as que vêm de fora gostam e apreciam mais, e nós temos preconceito com essas línguas indígenas”.*

[...] *“Meus alunos me perguntaram por que é que temos que estudar a língua portuguesa? Respondi para eles que as pessoas não entendem a língua Tikuna na cidade, por isso é importante aprendermos a língua portuguesa. Aprendemos por necessidade”.*

[...] *“Não tenho preconceito, aceito o outro como ele é, vejo como ser humano”.*

[...] *“O preconceito não acontece só com os indígenas, mas entre nós mesmos. Nós deixamos a nossa cultura e adotamos a de outra região ou estado”.*

Depois disso, a professora anunciou que tais acadêmicos deveriam produzir um artigo fazendo uso de todos os dados coletado na pesquisa, com tudo o que ocorreu durante esse trabalho, para enriquecê-lo, disponibilizou três temas para serem trabalhados na construção desse artigo, que foram: Diversidade Linguística na Amazônia, Contato Linguístico e Preconceito Linguístico. Dentre os temas, cada dupla deveria escolher um para apartir daí começar a produção do artigo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados apresentados acima foram coletados por meio da pesquisa de campo, das apresentações das duplas dentro da sala de aula e das orientações da professora de Linguística.

Na explanação dos resultados, alguns fatores foram determinantes para a elaboração deste trabalho no que diz respeito às diferentes línguas faladas na região do Alto Solimões. Essa diversidade ainda é vítima de preconceito linguístico, fato que não deveria acontecer. Podemos compreender com Bagno (1999, p.19) que: “A variação é constituída das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa [...]”

Durante a exposição das duplas em sala, um dos colegas de língua materna Tikuna comentou que às vezes eles sentem vergonha de pronunciar o português, porque na língua portuguesa existem os artigos definidos e indefinidos do gênero masculino e feminino (o, os, a, as, um, uma, uns, umas) sendo ao contrário da língua Tikuna, pois nela não tem essa diferença entre gênero do mesmo modo que na Língua Portuguesa, isso é um fator que faz com que eles se sintam intimidados na tentativa de pronunciar algumas palavras nessa língua.

Verificando os dados coletados, percebeu-se o quanto somos limitados em não procurarmos conhecer em outras línguas os fatores que interferem em sua estrutura ou fala. Vale ressaltar a importância da pesquisa que nos permitiu conhecer determinadas palavras em línguas indígenas tal como seu significado. Com isso, notou-se a necessidade de realizar trabalhos mais aprofundados sobre determinada língua indígena.

A nossa informante nos comentou que havia falado a uma colega do curso de Antropologia para que defendesse no seu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) um trabalho de pesquisa sobre a língua Marubo, disse ainda que é raro a escolha de um tema voltado para a área de Linguística, mais precisamente sobre uma língua indígena daqui da região.

De acordo com essa realidade, percebeu-se que o que falta mesmo é sair e ir a campo, porque material e área de pesquisa tem para suprir demandas dessa temática.

Analisando os resultados, notou-se que foi de suma importância para todos os que tiveram a oportunidade de ir a campo e conhecer uma realidade bem próxima, porém desconhecida pela maioria das pessoas da região. Além disso, percebeu-se que eles gostam quando alguém vai à busca de informações referentes à cultura, costume, língua ou religião deles, pois se sentem importantes e valorizados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo apresentou os resultados obtidos de uma pesquisa acadêmica voltada para a área da Linguística, mais precisamente sobre tradução nas línguas indígenas regionais.

Por meio da pesquisa, percebemos as diversidades linguísticas existentes na região trabalhada e o preconceito linguístico de que são vítimas. Isso se dá muitas vezes por conta da falta de informação no que diz respeito às variações existentes dentro de uma própria língua e até mesmo de línguas diferentes.

Vale ressaltar, ainda, o empréstimo que as etnias fazem da língua portuguesa como, por exemplo: “carteira de identidade”, pelo fato de serem palavras do vocabulário português. Também os falantes da língua portuguesa fazem empréstimo de palavras da língua indígena, como: tucumã, tucum (envira de árvore específica), usado no artesanato indígena, e que muitos não-indígenas conhecem e produzem paneiros, redes etc.

A explanação dos dados coletados permitiu conhecer um pouco de cada etnia trabalhada. Dentre as palavras pesquisadas, notou-se que o significado, a escrita e a pronúncia são bem distintos de uma etnia para outra.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz.** Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1999.
- _____, Marcos. **A Língua de Eulália: Novela sociolinguística.** 16. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- CALLOU, Dinah. **Iniciação à fonética e à fonologia** / Dinah Callou, Yonne leite, - Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2005.
- COSTA, Raquel Guimarães Romankevius. **Padrões rítmicos e Marcação de Caso em Marubo (Pano).** Departamento de Linguística e Filosofia, Rio de Janeiro, 1992.
- SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudo e guia de exercício.** 6 ed. – São Paulo: contexto, 2002.
- SOARES, Marília Facó. **O Supra-Seguimental em Tikuna e a Teoria Fonológica. Investigação de tikuna aspectos da sintaxe Tikuna.** Campinas, São Paulo: Ed. Da Unicamp, 2000.